



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE



Departamento de Sociologia

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Licenciatura em sociologia

Trabalho de Fim de Curso

Representações Sociais das Crianças sobre o Trabalho Infantil na Cidade de Maputo

Autora: Verónica da Conceição

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane.

Supervisor:

Dr. Carlos Cuinhane

Maputo, Dezembro de 2016

Representações Sociais das crianças sobre o Trabalho Infantil na Cidade de Maputo

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de licenciatura em sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane por Verónica da Conceição

Universidade Eduardo Mondlane

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Sociologia

Supervisor:**Dr. Carlos Cuinhane**

Trabalho de Fim de Curso

Maputo, Dezembro de 2016

Representações Sociais das Crianças Sobre o Trabalho Infantil na Cidade de Maputo

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de licenciatura em sociologia, pela Universidade Eduardo Mondlane

Autora: Verónica da Conceição

Universidade Eduardo Mondlane

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de Sociologia

Supervisor: Dr. Carlos Cuinhane

Maputo, Novembro de 2016

O Júri

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

(Dr. Carlos Cuinhane)

(Dr. Lucas Tsamba)

(Dra. Elena Colonna)

Maputo, Dezembro de 2016

DECLARAÇÃO

Eu, **VERÓNICA DA CONCEIÇÃO**, declaro por minha honra, que o presente trabalho de pesquisa para obtenção do grau de licenciatura em sociologia cujo tema é “Representações sociais das crianças sobre o trabalho infantil”, é fruto da minha pesquisa e não foi em momento algum publicado por alguém ou por uma outra instituição, estando indicada no texto a bibliografia da informação que utilizei para a sua elaboração.

(Verónica da Conceição)

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha mãe Ana Paula (meu amor), e as minhas irmãs (Sandra e Atália) que desde pequena dedicaram a vida e amor a mim e, deram apoio moral e material a minha formação académica sendo em todos os momentos mães, pais e amigas incentivadoras e sobretudo exemplos de força, sem a vossa ajuda e apoio não teria chegado tão longe.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, por ter me guiado nesta missão e por ter colocado em meu caminho pessoas maravilhosas que com esforço imensurável, lutaram para que eu chegasse até aqui.

Quero salientar também a minha enorme gratidão ao Dr. Carlos Cuinhane meu supervisor, pela paciência que teve na orientação deste trabalho, por ter dispensado o seu precioso tempo e conhecimento para me ensinar e encaminhar na minha carreira académica e, pela amizade que construímos. Além disso, ele me ensinou o que é fazer sociologia na prática, tornando-se assim um dos meus inspiradores na área de pesquisa. Estou também agradecida a Dra. Elena Colonna, por ter compartilhado comigo as ferramentas de produção de conhecimento sobre as crianças e ter por isso me inspirado para a escolha do tema. Também, juntam-se a ela os Drs. Colaço, Domingos e Nipassa que de uma forma geral contribuíram para a minha formação académica. A todo o corpo docente da UEM, em especial do departamento de sociologia, um muito obrigado.

À minha família, em especial a minha mãe (Ana Paula), as minhas irmãs (Sandra e Atália) e meus sobrinhos agradeço pelo amor, carinho e apoio concedido a minha vida pessoal e a minha formação académica. Agradeço também ao meu cunhado e irmão Micaílo Aly, e tios Amílcar e Marcelino pelo apoio material e moral prestado.

Os meus agradecimentos vão igualmente para todos os meus colegas e amigos da UEM, que juntos partilhamos conhecimentos e construímos amizades. Em especial, agradeço as minhas amigas do coração, companheiras e anjos da guarda na academia em nome do companheirismo, compreensão e sobretudo apoio concedido nos momentos difíceis, são vocês: Safiana Pinto, Lina Belarmino e Nilsa Massalambane. Também, ao Célio Mate que desde o início apoiou com as ideias e digitalização do trabalho, o senhor Aniandes Gerson Mutemba pelas impressões e todos que directa ou indirectamente me apoiaram. Em fim, a todas as crianças e pais que aceitaram participar nas entrevistas no momento da recolha de informação para realização deste trabalho.

A todos, um meu MUITO e SINCERO obrigado.

EPÍGRAFE

“Não existe revelação mais nítida da alma de uma sociedade, do que a forma como trata as suas crianças.”

(Nelson Mandela apud RDH, 2014, p. 54).

Resumo

Este trabalho captou as representações sociais sobre o trabalho infantil das crianças e dos pais na cidade de Maputo. A pesquisa identificou e descreveu as percepções e significados das crianças e igualmente, identificou os significados que os pais atribuem ao trabalho infantil na cidade de Maputo. A questão que orientou o trabalho consistiu em, saber como as crianças constroem as suas representações sociais sobre o trabalho infantil. Em termos metodológicos, o estudo teve uma base qualitativa. O instrumento de recolha de dados foi a entrevista semi-estruturada e observação directa. A amostra foi constituída por 30 crianças, 15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Também, entrevistamos 10 pais dos quais, 2 do sexo masculino e 8 do sexo feminino. O tratamento dos dados foi feito a partir da análise temática.

O estudo baseou-se na teoria de representações sociais de Moscovici (1961), fundamentalmente no conceito de *universos consensuais*. O nosso argumento é de que as condições sócio-económicas e os valores dos pais influenciam e determinam as representações sociais das crianças sobre o trabalho infantil na cidade de Maputo. O principal resultado foi de que as representações sociais das crianças são construídas em função das necessidades de subsistência básicas familiares, e das atitudes e crenças apresentadas pelos pais em relação as actividades económicas. Assim, concluímos que os factores económicos (condições financeiras) e culturais (valores e crenças dos pais) determinam a construção das representações sociais das crianças sobre o trabalho infantil na cidade de Maputo.

Palavras-chave: representações sociais, crianças e trabalho infantil.

Abstract

These papers understand the social representations about child labor of the children and parents in the Maputo city. The research identified and described the perceptions and meanings of children. As well, it identified the meanings that parents attribute to child labor in Maputo city. The question that guided the research was as follow: how children construct their social representations about child labor. The study was qualitative. We used semi-structured interview and direct observation to collect the data. The sample consisted of 30 children: 15 males and 15 females. We also interviewed 10 parents of whom 2 were male and 8 were female. Thematic analysis was used to do data analysis.

The study was based on Moscovici's theory of social representations (1961), fundamentally the concept of consensual universes. Our argument is that the socio-economic conditions and the values of the parents influence and determine the social representations of children on child labor in Maputo city. The main result was that the social representations of the children are constructed according to the basic needs of family, and the attitudes and values of the parents regarding economic activities. Thus, we conclude that the economic (financial) and cultural factors (values and beliefs of parents) determine the construction of social representations of children on child labor in Maputo city.

Keywords: social representations, children and child labor.

LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS

CRC- Comité Dos Direitos Da Criança

CRM- Constituição da República de Moçambique

FDC- Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade

INE- Instituto Nacional De Estatística

OIT- Organização Internacional Do Trabalho

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE QUADROS

Quadros	pág.
Quadro 1- operacionalização de conceitos -----	31
Quadro 2- características sociais dos principais interlocutores -----	38
Quadro 3 - identificação social das crianças entrevistadas -----	63
Quadro 4 - identificação social dos pais entrevistados -----	64

LISTA DE FIGURAS

Figuras	pág.
Figura 1- representação do modelo de análise -----	32

Índice

Declaração.....	4
Dedicatória	5
Agradecimentos.....	6
Epígrafe	7
Resumo	8
Abstract	9
Lista de siglas e acrónimos	10
Listas de tabelas e figuras	11
Introdução.....	15
Capítulo - I.....	18
1. Revisão de Literatura.....	19
Breve contextualização do trabalho infantil	19
1.2. Impactos do Trabalho infantil para o Desenvolvimento da Criança	22
1.3. Género e Trabalho infantil.....	22
1.4. Problema	23
1.4.1. Hipótese	24
1.4.2. Variáveis	24
1.5. Objectivos	24
1.5.1. Objectivo geral:.....	24
1.5.2. Objectivos específicos:	24
1.6. Justificativa	25
Capítulo - II	25
2. Enquadramento teórico.....	26
2.1. Teoria das Representações Sociais.....	26
2.2. Enquadramento conceptual.....	28

2.2.2. <i>Representações sociais</i>	29
2.2.3. <i>Trabalho infantil</i>	30
2.3. Modelo de análise.....	31
2.3.1. Modelo de análise.....	31
Capítulo - III.....	33
3. Metodologia	33
3.1. Local de estudo	33
3.2. Método de procedimento	33
3.3. Métodos de abordagem.....	34
3.4. População e delimitação da amostra	34
3.5. Processo de selecção da amostra.....	35
3.6. Técnicas de recolha de dados.....	35
3.7. Procedimentos de recolha de dados	35
3.8. Métodos de análise de Dados.....	36
3.9. Problemas encontrados durante a pesquisa e soluções.....	36
Capítulo - IV.....	37
Apresentação, análise e discussão dos resultados da pesquisa	38
4.1. Apresentação e análise dos resultados da pesquisa.....	38
4.1.1. Perfil social e características dos entrevistados	38
4.1.2. Origem sócio - demográfica das crianças entrevistadas	39
4.1.3. Características sociais dos pais entrevistados	39
4.1.4. Tipos de actividades desenvolvidas pelas crianças	40
4.2. Processo de inserção das crianças no mercado informal.....	40
4.3. Percepção das crianças sobre o trabalho infantil	41
4.4. Significados dados pelas crianças ao trabalho infantil.	43
4.5. Perspectivas das crianças envolvidas no trabalho infantil.....	44
4.6. Desafios da prática das actividades económicas das crianças	45

4.7. Percepções, significados e perspectivas do trabalho infantil entre os pais.....	46
4.8. Discussão dos resultados da pesquisa	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
Anexos.....	59

Introdução

A presente monografia tem como tema *representações sociais das crianças sobre o Trabalho infantil na cidade de Maputo*. Neste estudo trabalhamos com crianças de ambos os sexos, que desempenhavam actividade económica na baixa da cidade de Maputo e seus pais. O contexto da problematização sociológica do trabalho infantil é um assunto recente principalmente nos debates académicos e sociais. Para análise do trabalho infantil é preciso ter em conta que este não ocorre num vazio social e cultural necessitando por isso, sustentar em suas análises as condições em que as crianças envolvidas no trabalho infantil vivem, interagem e dão sentido ao que fazem (Sarmiento, 2009: 20-22).

Os indivíduos criam várias representações sociais sobre o trabalho infantil. Estas diferem de contexto para contexto e de situação para situação. Em algumas sociedades concebe-se o trabalho infantil como um instrumento de socialização, visando aprendizagem de ofícios e regulação de comportamentos. É nesse âmbito que prevalece a crença de que quando a criança começa a trabalhar cedo, a probabilidade desta ser uma criança bem encaminhada e um adulto honesto é ainda maior (Gomes e da Silva, 2011; Cruz e Soares, 2011).

No contexto moçambicano, estudos sobre o trabalho infantil (FDC, 2008 apud UNICE, 2014; Barros e Gulamo, 1999 e OIT 2012) ilustram como as atitudes patentes nas tradições culturais das sociedades e nas relações de género e poder tendem a influenciar o que os membros dos agregados familiares ou de um determinado grupo fazem para participar na vida familiar ou comunitária.

Embora o trabalho infantil tenha aspectos negativos para o desenvolvimento da criança, ainda é visto como benéfico em algumas sociedades. Nestas sociedades o trabalho aparece como um mecanismo para minimizar as necessidades de subsistência da família, escolares e até mesmo humana e de aprendizagem individual (Pastore, 2014).

As discussões sobre trabalho infantil actualmente dividem os autores em diferentes perspectivas de análise das quais a perspectiva económica, psicológica, e cultural. Para o nosso estudo auxiliamo-nos das perspectivas económicas e culturais. Na perspectiva económica, destacamos estudos de Dias (2010); Gomes e da Silva (2011); Kassouf (2005) e Xavier (2010). Os defensores desta perspectiva advogam que o trabalho infantil é uma questão económica na medida que os actores que estão envolvidos encontram-se directamente ligados a pobreza e principalmente à dos agregados familiares. Assim, para esta

perspectiva o trabalho infantil surge devido a precarização das condições de vida da população tais como a falta de a alimentação, educação, habitação, saneamento e outras necessidades consideradas básicas para a sobrevivência humana.

Essa forma de pensamento é determinista pois, os autores tomam o factor económico como a causa fundamental que explica e exerce influência sobre o trabalho infantil e suas representações. O nosso posicionamento é de que os factores económicos (condições financeiras, habitação) apesar de serem importantes na análise do trabalho infantil, não explicam por si só a reprodução do fenómeno e a construção dos seus significados sociais.

Apesar da perspectiva cultural não descartar totalmente a hipótese dos factores económicos influenciarem o trabalho infantil, ela dá mais ênfase a questão cultural do mesmo uma vez que considera o trabalho infantil um instrumento de aprendizagem e de regulação dos comportamentos das crianças. Esta perspectiva na qual enquadrámos os autores Laginski (2001) e Stadnick (2010), sugere que o trabalho infantil é uma questão cultural visto que depende da visão cultural da Sociedade. Assim, para esta perspectiva o trabalho infantil tem origem nas tradições culturais das sociedades e tem um carácter socializador. O trabalho é uma cultura repleta de significados que são passados de geração em geração, e devem ser valorizados por todos indivíduos pertencentes a determinada Sociedade (Gomes e da Silva, 2011; Laginski, 2001; Stadnick, 2010; Marchi, 2013 e Cruz e Soares, 2011).

A limitação desta perspectiva reside no facto de considerar que os factores culturais são os que influenciam e explicam directamente o trabalho infantil e as suas representações. No entanto, a ideia defendida é de que a origem social das crianças (factor cultural), assim como as necessidades financeiras dos agregados familiares (factor económico) agem como factores combinados. Os dois factores influenciam, explicam e determinam a reprodução do trabalho infantil e a forma como são construídas as suas representações sociais.

O estudo enquadra-se na sociologia da infância. Este procura compreender a interacção entre adulto-criança e criança-instituição (Marchi, 2013). Nesse sentido, o nosso estudo insere-se nas duas perspectivas (económica e cultural) visto que pretendíamos compreender as representações sociais das crianças a partir das influências dos dois factores. As duas perspectivas foram fundamentais para a explicação do fenómeno em causa.

Os estudos, abordagens e perspectivas sobre o tema do trabalho infantil privilegiam mais as representações das instituições (Marchi, 2013), e não reconhecem suficientemente as vozes

das crianças e suas capacidades de elaborar e dar sentido às práticas sociais e representações que formulam em torno dos contextos que vivem. Nesta monografia pretendíamos compreender as percepções e os significados das crianças, de modo a perceber a forma como estes são construídos não dissociando dos contextos sociais, económicos e culturais em que vivem. A pesquisa foi orientada pela seguinte pergunta de partida: *como as crianças na cidade de Maputo, constroem as suas representações sociais sobre o trabalho infantil?*

O estudo das representações sociais sobre o trabalho infantil permite levantar e revelar as possíveis influências sócio-económicas e culturais nos espaços de construção dos significados das crianças, em decorrência dos valores simbólicos inerentes a esta prática social. Para além disso, permitiu ainda revelar os processos que orientam a construção das percepções e significados das crianças de modo a contribuir cientificamente para a área da sociologia da infância em Moçambique, dando mais subsídios para a produção do conhecimento acerca das representações sociais das crianças sobre o trabalho infantil.

O argumento defendido nesta monografia é de que, as condições sócio-económicas das crianças e de suas famílias e os valores dos pais tendem a influenciar as representações sociais das crianças sobre o trabalho infantil na cidade de Maputo.

O objectivo geral da pesquisa era de compreender a forma como as crianças constroem as representações sociais sobre a prática do trabalho infantil na cidade de Maputo tendo em conta, os factores sócio-económicos e valores dos pais. Para o alcance desse objectivo, realizamos uma revisão bibliográfica que compreendeu a leitura preliminar do material bibliográfico sobre o tema em questão, acompanhada por um trabalho de campo.

Para análise e reflexão do objecto de estudo, baseamo-nos na proposta teórica de Serge Moscovici (1961) fundamentalmente no conceito de *universos consensuais*¹. A principal questão desta teoria é a análise do conhecimento do quotidiano e as suas formas de construção.

Esta monografia apresenta quatro capítulos: no primeiro é apresentada a revisão da literatura que consiste na colocação das diferentes abordagens sobre a prática do trabalho infantil bem como, do problema que orientou a produção da presente monografia. No segundo capítulo apresenta-se o quadro teórico e conceptual.

1-Espaço em que prevalece a lógica natural de produção de conhecimento (Moscovici, 1961).

O terceiro capítulo descreve a metodologia usada no estudo. No quarto capítulo são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa, e finalmente apresentam-se as considerações finais, a bibliografia e anexos de documentos que suportam a pesquisa.

Capítulo - I

1. Revisão de Literatura

Neste capítulo apresentamos os diferentes estudos que abordam sobre o trabalho infantil. Além disso, apresenta-se o problema que orientou a monografia, as hipóteses do trabalho levantadas bem como, os objectivos e a justificativa da pesquisa.

A revisão de literatura consistiu na leitura de vários estudos. Desses, incluem as pesquisas de Kassouf (2005), Gomes e da Silva (2011), Laginski (2001), Bizaet al. (2008), González (2012), Barros e Gulamo (1999), Pereira et al. (2010) e Marchi (2013), que de diferentes maneiras abordam sobre os factores, impactos e significados do trabalho infantil para o desenvolvimento da criança. Estes estudos podem ser agrupados em duas perspectivas. A primeira explica o trabalho infantil com base nas condições sócio-económicas da origem das crianças trabalhadoras. Enquadram-se nesta perspectiva os estudos de Dias (2010); Gomes e da Silva (2011); Kassouf (2005) e Xavier (2010). A segunda linha tende a explicar o trabalho infantil a partir das crenças e valores culturais da origem das crianças. Nesta linha encontramos os estudos de Gomes e da Silva (2011); Laginski (2001); Stadnick (2010); Marchi (2013) e Cruz e Soares (2011).

Breve contextualização do trabalho infantil

O trabalho da criança não é novidade na história das sociedades. Em todo o mundo o trabalho é apontado como um dos maiores efeitos negativos da pobreza e das desigualdades sociais uma vez que, estima-se que cerca de 250 milhões de crianças e adolescentes a nível mundial ainda trabalham (UNICEF apud OIT, 2012). Em Moçambique, estima-se que em todo país cerca de 1 milhão de crianças e adolescentes dos 7 aos 17 anos se encontram no mercado de trabalho antes da idade mínima de admissão para o emprego, realizando algum tipo de actividade económica (UNICEF, 2014).

1.1. Factores que influenciam o trabalho infantil

A literatura demonstra que o trabalho infantil é uma realidade social. Este é influenciado por diversos factores como: a pobreza e especificamente a pobreza familiar, as desigualdades sociais e a forma como a sociedade se organiza.

A pobreza familiar é geralmente caracterizada pelo baixo rendimento dos agregados familiares que culmina na insatisfação das necessidades básicas e de sobrevivência de uma família (González, 2012). Este factor constitui um dos maiores impulsionadores do trabalho infantil na medida que, faz com que as famílias de baixa renda envolvam as crianças no trabalho como forma de suprir as necessidades de subsistência e aumentar a renda familiar (Silva, 2010; Xavier, 2010 e Laginski, 2001).

Pereira et al. (2010), afirmam que devido a precarização de vida como a alimentação e moradia inadequada das crianças e suas famílias, estes atribuem as actividades económicas que exercem na rua um significado de necessidades financeiras, de relações de oportunidades, cultural e de prazer no trabalho. Em Moçambique, estima-se que os agregados familiares são os mais afectados pela pobreza. Como estratégia de sobrevivência as famílias colocam a disposição a mão-de-obra dos seus filhos em actividades como empregados domésticos e vendedores ambulantes. Estes trabalhos são remunerados por alimentos, vestuários, acomodação, propinas para a escola e até outras vezes sem remuneração, (Barros e Gulamo, 1999).

O segundo factor apontado como influente do trabalho infantil é a desigualdade social. Este factor é caracterizado por ser gerador de exploração de mão-de-obra infantil uma vez que “estimula” as crianças de famílias pobres que se encontram em países onde as desigualdades sociais entre os indivíduos são muito visíveis, a aderirem ao trabalho como forma de garantir o acesso de serviços e bens públicos. As crianças são as que mais sofrem com os efeitos das desigualdades sociais nos países subdesenvolvidos. Esta situação deve-se ao facto das desigualdades sociais abrirem espaço para a exclusão social da maioria das crianças desprivilegiadas do acesso às condições de subsistência básicas tais como educação, saúde, habitação, alimentação e vestuário (Silva, 2010, Gomes e da Silva, 2011, Stadnick, 2010).

As desigualdades sociais traduzem-se pela distribuição desigual de renda, de bens e oportunidades pelos agregados familiares. Nestas famílias, o sentimento de exclusão e anseio de superá-la abre espaço para que se sujeite os filhos ao trabalho de mais de 15 horas de tempo por dia, em actividades um tanto arriscadas em troca de uma recompensa que lhes possa minimamente garantir o sustento (Bizaet al., 2008).

Segundo Laginski (2001) e Marchi (2013), a forma como a sociedade se organiza encontra-se directamente correlacionada a educação e regulação de comportamentos dos indivíduos que é fundado em valores e normas sócio-culturais estabelecidas nos diferentes contextos

sociais. Nesse sentido, a socialização dos pais pode ter influência na reprodução e inserção das crianças no mundo do trabalho e na construção dos significados sobre ele (Laginski, 2001 e Marchi, 2013).

Em algumas sociedades o trabalho infantil é percebido como algo que dignifica o homem e quando mais cedo se começa, mais o crescimento pessoal ou individual se obtêm (Cruz e Soares 2011; Pereira et al. 2010). Em Moçambique, os estudos que abordam sobre o trabalho infantil sugerem que há uma cultura secular de valorização do trabalho infantil que tende a apoiar a inserção das crianças no mundo do trabalho como instrumento de aprendizagem de papéis à desempenhar na fase adulta e de regulação de comportamentos (Barros e Gulamo, 1999).

A UNICEF por exemplo, refere que no contexto Moçambicano os factores sócio-culturais influenciam o trabalho infantil. Estes factores caracterizam-se por um conjunto de práticas e atitudes que se encontram enraizadas nas tradições culturais e nas relações de género e poder que ditam no sentido normativo, o que os membros dos agregados familiares devem fazer para participar na vida familiar ou comunitária (UNICEF, 2014).

A família e o empregador, são apontados como os responsáveis pela promoção e reprodução do trabalho infantil. Se por um lado o trabalho infantil é caracterizado pela necessidade da família em reforçar a renda familiar e garantir o sustento, por outro o mesmo trabalho é caracterizado pela ânsia do empregador que aproveita-se da força e disposição das crianças, pagando-lhes salários baixos para aumentar o seu investimento (Silva, 2010).

Entretanto, a responsabilização da promoção do trabalho infantil recai com mais intensidade na família em relação ao empregador. Isto acontece porque a família é o primeiro grupo de socialização da criança e a estrutura segura que permite que ao longo do tempo esta desenvolva as suas subjectividades e significados de determinados fenómenos da realidade social, através de aspectos transmitidos culturalmente e socialmente como o modo de se conduzirem nas mais diversas situações sociais e, interpretar os fenómenos da realidade (Silva, 2010).

Gomes e da Silva (2011) e Marchi (2013), sugerem também que o contexto de socialização das crianças (família) pode fazer com que estas percebam e signifiquem o trabalho que exercem como um mecanismo de ajuda familiar (pais).

1.2. Impactos do Trabalho infantil para o Desenvolvimento da Criança

Alguns estudos demonstram que o trabalho infantil prejudica o desenvolvimento físico, psicológico, intelectual, social e moral da criança independentemente da forma e condições em que são exercidas (Gomes e da Silva, 2011; Laginski, 2001). Para esses estudos, o trabalho infantil assume um carácter prejudicial para a vida da criança na medida que contribui na desistência escolar e ao mesmo tempo priva as crianças de viver dignamente a sua infância (Gomes e da Silva, 2011; Laginski, 2001). No entanto, o posicionamento de Kassouf sugere que este fenómeno não possui um carácter totalmente negativo como se pensa. A autora defende que o trabalho pode permitir que as crianças desfavorecidas cubram os custos de educação, alimentação e outras necessidades básicas difíceis de satisfazer (Kassouf, 2005; 25).

O trabalho infantil tem efeitos imediatos a curto e a longo prazo, no sentido que pode condicionar o abandono da escola assim como a incapacidade de construir uma vida futura. Contrariamente a curto prazo, o trabalho infantil traz benefício para a formação individual e social da criança pois, para além de ensinar o ofício do trabalho este ainda pode ajudar com as despesas da família (FDC, 2008 apud UNICEF, 2011/2014).

1.3. Género e Trabalho infantil

Estudos demonstram que nas famílias de renda baixa as tarefas são distribuídas tendo em conta as idades e género. Laginski (2001) e Xavier (2010) por exemplo, defendem que a incidência do trabalho infantil ocorre mais nas crianças do sexo masculino do que do sexo feminino. Entretanto, Gomes e da Silva (2011) sugerem que a incidência do trabalho infantil ocorre em ambos os sexos.

Para Gomes e da Silva (2011), o trabalho entre as meninas não é muito visível porque as crianças do sexo feminino fazem trabalhos domésticos remunerados na esfera privada tais como: empregadas domésticas ou babas dos filhos dos seus patrões, enquanto as do sexo masculino tornam-se os casos mais observáveis porque são os que mais se encontram na rua como por exemplo, catadores de lixo, vendedores ambulantes e pedintes (Gomes e da Silva, 2011).

Em Moçambique, é possível observar crianças de ambos os sexos em diferentes pontos das cidades a vender produtos como amendoim, bolinhos, laranjas, a lavar carros ou a catar papelão para venda (OIT, 2012). Dados do Instituto Nacional de Estatística em Moçambique

sobre trabalho infantil, demonstram igualmente a existência de crianças do sexo masculino e femininas envolvidas nas variadas actividades económicas (INE, 2010).

1.4. Problema

Existem várias representações sociais sobre o trabalho infantil. Estas representações são construídas principalmente pelas instituições sociais (família) e diferem de contexto urbano e rural e de cultura para cultura. Em algumas sociedades concebe-se o trabalho infantil como forma de preparar a criança para o futuro incerto. Nas sociedades brasileiras, pais e encarregados de educação defendem que para a criança se tornar alguém na vida necessita de começar a trabalhar ainda cedo pois, estas práticas são consideradas como uma forma normal de educação dos filhos (Gomes e da Silva, 2011).

As práticas do trabalho infantil são também recorrentes na sociedade moçambicana, e representam um desvio das normas constitucionais uma vez que não se coadunam com os princípios sócio-jurídicos da convenção dos direitos da criança e da Constituição da República de Moçambique. Segundo estes princípios, as crianças têm direitos à educação e a protecção contra trabalhos que ponham em perigo a sua saúde.

Entretanto, a protecção da criança contra o trabalho infantil em Moçambique representa um desafio na medida que o país apresenta índices elevados de pobreza que afectam principalmente os agregados familiares e como consequência, os encarregados de educação “envolvem” os filhos no trabalho como forma de manter a sua subsistência familiar e garantir o sustento (Francisco e Sale, 2013). Assim, o trabalho infantil é motivado principalmente por factores económicos (Silva, 2010; Xavier, 2010). Porém, este factor não constitui o único uma vez que o factor cultural também influencia no envolvimento de crianças no trabalho infantil (Kassouf, 2005; Stadnick, 2010).

Partindo do princípio que os actores sociais no contexto de suas interacções constroem noções e interpretações que dão sentido aos acontecimentos da vida quotidiana, e que tem relação com os contextos em que se encontram inseridos e com as normas e valores decorrentes nesses contextos nota-se que, as representações sociais que decorrem nos diferentes contextos sociais sobre o trabalho infantil são principalmente das instituições (família e a justiça) em favor das crianças.

Os estudos, abordagens e perspectivas sobre o tema do trabalho infantil privilegiam mais as representações das instituições sociais (Marchi, 2013) e não reconhecem suficientemente as vozes das crianças e suas capacidades de elaborar e dar sentido às práticas sociais e representações que formulam em torno dos contextos que vivem. E tendo em conta ainda que estas representações sociais construídas pelos indivíduos possuem influência dos factores sócio-económicos e culturais, o estudo que realizamos tem a seguinte pergunta de partida, *como é que as crianças constroem as suas representações sociais sobre o trabalho infantil na cidade de Maputo?*

1.4.1. Hipótese

- As crianças que desempenham actividades económicas na cidade de Maputo constroem as representações sociais sobre o trabalho infantil em função das suas condições de sobrevivência e, dos valores dos pais (educação dos pais e atitudes).

1.4.2. Variáveis

- Representações sociais - **variável dependente**
- Condições de sobrevivência e, valores dos pais - **variável independente**

1.5. Objectivos

1.5.1. Objectivo geral:

- Compreender a forma como as crianças constroem as representações sociais sobre o trabalho infantil na cidade de Maputo.

1.5.2. Objectivos específicos:

- Identificar as representações sociais das crianças sobre o trabalho infantil na cidade de Maputo;

- Identificar as perspectivas das crianças envolvidas no trabalho infantil na cidade de Maputo;

- Analisar a influência dos factores sócio-económicos e culturais, na construção das representações sociais das crianças sobre o trabalho infantil na cidade de Maputo.

1.6. Justificativa

A escolha do tema *Representações sociais das crianças sobre o trabalho infantil na cidade de Maputo*, foi orientada pela ideia segundo a qual em várias discussões sobre o trabalho infantil não tem se dado suficientemente primazia aos pensamentos das crianças quando trata-se de questões relativas aos significados do trabalho para a sua vida. Muita ênfase tem sido dada as diversas instituições sociais como a família de onde a criança é oriunda.

O estudo pretende descrever os significados sociais da prática do trabalho infantil no seio das crianças trabalhadoras na cidade de Maputo. Neste, pretende-se analisar as condições sócio-económicas e culturais da origem das crianças (instituições sociais de onde provem) de modo a perceber a influência destas na construção das representações sociais das crianças. Esta pesquisa, constitui uma abordagem sociológica pela qual se pode apreciar o fenómeno do trabalho infantil em Moçambique, e reflectir sobre o processo de inserção, percepção e produção de significados das crianças sobre o mesmo.

Desta forma, esperamos que os resultados do estudo contribuam cientificamente para a área da sociologia da infância em Moçambique dando mais subsídios para a produção do conhecimento acerca das representações sociais das crianças sobre o trabalho infantil. Este tema mostra-se pertinente na medida que a análise baseia-se nas acções e significados compartilhados diariamente entre os indivíduos (crianças). O tema abarca as interacções sociais e incide directamente sobre as estruturas institucionais. Assim, este estudo constitui uma tentativa de contribuir cientificamente para a sociologia da infância no contexto moçambicano.

Capítulo - II

2. Enquadramento teórico

Neste capítulo apresentamos a abordagem teórica que foi adoptada nesta monografia. O trabalho foi orientado pela teoria das *Representações Sociais* de Serge Moscovici.

2.1. Teoria das Representações Sociais

A teoria das representações sociais surgiu do trabalho pioneiro de Serge Moscovici com a sua obra intitulada, *La Psychanalyse en image et son public* (1961). Nesta obra, o autor privilegia o estudo da difusão da psicanálise em diferentes âmbitos da população de Paris da referida época. Contudo, as primeiras discussões sobre as representações começaram na Sociologia de Émile Durkheim donde Moscovici (1961) buscou os elementos para a elaboração da sua teoria.

Da teoria de Durkheim (1978), Moscovici usou especificamente o conceito de representações colectivas que constituem as produções sociais que se impõem aos indivíduos como forças exteriores, servindo de coesão social e constituindo fenómenos diversos que abrangem as áreas da religião, a ciência, os mitos e até o senso comum (Sá, 1998).

As representações colectivas de Durkheim (1978), carregavam uma visão holística do mundo privilegiando o domínio do social sobre o individual e defendendo que o mundo é repleto de representações colectivas na medida em que, estas se referem as maneiras pelas quais os grupos se olham à si mesmos nas suas relações com os objectos do dia-a-dia. A abordagem Durkheimiana defende ainda que, as representações exprimem realidades colectivas e se apresentam sob sistemas de ideias e crenças que compõem um sistema de práticas sociais através das quais os indivíduos procuram exprimir a realidade do mundo (Durkheim, 1978 apud Sá, 1998).

Desta forma, levantando uma perspectiva que procura diferenciar-se da Psicologia e do holismo excessivo da sociologia Durkheimiana, Moscovici (1961) desenvolveu uma teoria que buscou compreender e interpretar as proposições e explicações criadas na vida quotidiana, no curso da comunicação individual e sobretudo os processos sócio-cognitivos através dos quais os indivíduos inseridos em diferentes contextos sociais produzem e interpretam ideias sobre a realidade. A preocupação central de Moscovici (1961) era captar os processos através dos quais os indivíduos em interacção social da vida quotidiana constroem

teorias sobre os objectos sociais que tornam viáveis a comunicação e a organização dos comportamentos sociais (Arruda, 2002).

A representação de que Moscovici fala é social na medida em que abrange a uma colectividade, se encontra ligada a uma estrutura social determinada e definida, e resulta da actividade cognitiva e simbólica de um determinado grupo social cujos membros se encontram em interacção consigo mesmos e com os objectos com que se deparam na vida quotidiana. A representação social exprimi uma relação entre o sujeito e o objecto onde, o sujeito constrói símbolos e significados do objecto (Moscovici, 1961).

A representação social de Moscovici (1961) se constitui enquanto um conjunto de ideias, de significados e interpretações construídas sobre os objectos e que orientam os indivíduos para dar sentido a realidade e aos acontecimentos do quotidiano. Para este autor, a representação é um saber prático e é sempre uma forma comprometida / ou negociada de interpretar a realidade, daí que ela deve ser articulada com os elementos afectivos, mentais e sociais de quem as produz.

Moscovici (1961) defende ainda que as representações sociais resultaram do saber prático da sociedade e do senso comum, facilitando a comunicação entre os actores sociais mediante as suas interrogações a volta dos objectos com os quais interagem. Através das representações os actores sociais constroem noções e interpretações que dão sentido a realidade. A sua principal função é servir de base para a construção de significados sobre a realidade, elas têm um carácter avaliativo.

Moscovici (1961), propõe a existência de dois universos do pensamento humano nas sociedades contemporâneas: *os reificados e os consensuais*. Nos primeiros há uma validação do conhecimento segundo rigores lógicos-metodológicos e objectivos que tem a ver com a colectividade, onde grupos diferenciados não podem falar com a mesma competência. Aqui a sociedade é dos especialistas. O universo dos consensuais, consiste numa lógica natural, legitimação do conhecimento pela actividade intelectual partilhada socialmente no quotidiano e menos comprometida com as exigências dos rigores lógicos-metodológicos e com a objectividade (Moscovici, 1961).

Esta abordagem teórica das representações sociais se torna completa com a contribuição de Jodolet (1989). A autora afirma que a representação social designa um fenómeno de produção dinâmica, quotidiana e informal de conhecimento. Um saber de senso comum de carácter

eminentemente prático e orientado para a comunicação, compreensão ou o domínio do ambiente social, material e ideal de um determinado grupo.

Jodolet, distingue quatro elementos que compõem as representações sociais: o primeiro, a representação social é sempre uma representação do sujeito sobre o objecto. Segundo, a representação social é caracterizada pela simbolização e pela interpretação pois envolve a construção de expressões, conceitos, percepções e noções do sujeito sobre o objecto. Terceiro, a representação social é uma forma de saber que se expressa com suportes linguísticos, comportamentais e materiais. Quarto, a representação social é uma construção social que resulta da experiência prática, dos contextos e das condições pelas quais determinada interpretação da realidade é produzida e reproduzida. A limitação desta teoria reside no facto de produzir juízos valorativos sobre o meio envolvente e sobre os acontecimentos do quotidiano que abrangem a uma colectividade (Arruda, 2002).

Partimos do princípio de que a teoria das representações sociais se interessa naquilo que os actores sociais fazem e pensam no seu dia-a-dia, e no contexto das interacções sociais que desenvolvem constroem noções e interpretações da realidade quotidiana. Esta teoria permitiu captar as noções, significados e interpretações que são construídas pelas crianças sobre as actividades económicas. Baseados nos pressupostos desta teoria foi possível fazer uma análise sobre os factores que influenciam as representações sociais do trabalho infantil. Assim, a teoria de Moscovici nos ajudou a compreender a forma como as crianças constroem os significados, noções e interpretações acerca do trabalho infantil assumindo o acto de trabalhar como uma acção social.

2.2. Enquadramento conceptual

Esta pesquisa toma como base três conceitos fundamentais: criança, representações sociais e trabalho infantil.

2.2.1. Criança

O conceito de criança é definido em função da idade segundo a convenção sobre os direitos da criança. No entanto, alguns autores como Delgado e Muller (2005) sugerem que para além da idade, é preciso ter em conta as capacidades de autonomia e de expressão da criança.

Segundo a UNICEF (1990), criança são todos os indivíduos com menos de dezoito (18) anos de idade, excepto se a lei nacional conferir a maior idade mais cedo. Esta definição dá ênfase a dimensão psico-biológica da criança.

Na esfera económica e particularmente em Moçambique (lei do trabalho 23/2007 apud OIT, 2012), criança é considerada como todo o indivíduo moçambicano com idade inferior a 15 anos. Assim, referimo-nos criançatodosactores com idades entre 0 aos 14 anos.

Neste estudo tomamos criança numa dimensão individual como todos os indivíduos ou seres humanos com idades compreendidas entre os 10 aos 14 anos, diferenciando-se na sua capacidade de locomoção, expressão, autonomia e acção. Esta definição se mostrou importante para a explicação do estudo pelo facto de pretendermos trabalhar com menores de idade que tenham a capacidade de dar informação acerca da realidade vivida, para destes captar as noções e as interpretações da prática do trabalho infantil na cidade de Maputo.

2.2.2. Representações sociais

Segundo Moscovici (1976) apud Castro (2002), representações sociais constituem um conjunto de sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objectos sociais que permitem a estabilização do quadro de vida dos indivíduos e de grupos, e constitui um instrumento de orientação da percepção e interpretação da realidade que contribuem para a comunicação dos membros de um grupo ou de uma determinada comunidade.

A definição acima dá importância a dimensão cognitiva dos actores sociais, de como constroem a realidade social e como vivenciam tal realidade excluindo aspectos práticos como a produção do comportamento e a mudança de comportamento na sua relação com os outros.

Jodelet (2002) apresenta as representações sociais como uma modalidade de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objectivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (Jodelet, 2002: 138). Assim, esta autora privilegia os elementos do senso comum e das experiências práticas como constitutivas das representações sociais.

Neste estudo usamos a definição de Moscovici (1976) apud Castro (2002) e de Jodelet (2002) visto que as duas se mostraram úteis para a explicação do nosso fenómeno na medida que, consideram as representações sociais como um conjunto de valores e noções socialmente elaboradas sobre o objecto social e que se constituem em um instrumento de orientação da

percepção e comunicação dos membros de um grupo. Esta definição no estudo, apresenta-se sob forma de indicadores percepções e significados. Assim, esta foi usada para captar as noções, percepções e significados das crianças sobre a sua actividade económica na cidade de Maputo.

2.2.3. Trabalho infantil

Da Silva (2010), considera trabalho infantil toda a forma de trabalho exercida por crianças e adolescentes abaixo da idade mínima legal permitida para o trabalho conforme a legislação de cada país. Esta autora, enfatiza a dimensão jurídico-legal do trabalho.

Segundo a OIT (2012), trabalho infantil é toda forma de trabalho laboral desenvolvida por pessoas com idades inferiores aos 15 anos, sujeito ou não a remuneração (económica, cooperativa, associativas ou de organizações não governamentais). Esta definição demonstra a existência de diferença entre trabalho de menores e trabalho infantil considerando que o primeiro é exercido por menores de 18 anos e, trabalho infantil é exercido por crianças menores de 15 anos de idade, que é a idade mínima da admissão para o emprego em Moçambique².

A Lei do trabalho 23/2007, permite o acesso de crianças no mercado do trabalho antes da idade mínima de admissão desde que estas tenham idades compreendidas entre os 12 aos 14 anos e mediante a autorização do seu representante legal. A partir desse momento são determinados a natureza do trabalho e as condições espaciais e temporais em que este trabalho poderá ser prestado.

Para o estudo usamos a definição da OIT (2012), porque pretendíamos compreender as representações da prática do trabalho (actividade económica) em menores de idades que se encontravam a desenvolver actividades informais na esfera pública. Também, esta definição mostrou-se apropriada para o estudo pelo facto de reflectir exactamente o paramento de idades escolhidas para o nosso estudo.

2- Ver lei do trabalho 23/2007 da Constituição da República de Moçambique.

2.3. Modelo de análise

Para Quivy e Campahoudt (1998), modelo de análise é a articulação de conceitos e hipóteses em forma operacional dos marcos e pistas que são retiradas da problemática, e que ajudam na orientação do pesquisador no trabalho de observação e de análise. Assim no nosso trabalho projectamos a nossa operacionalização e modelo de análise da seguinte forma:

Quadro 1:Operacionalização dos conceitos.

Conceitos	Dimensões	Indicadores
Criança	Individual	✓ 10 aos 14 anos de idades.
Representações sociais	Significativa	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Percepção e significados das actividades económicas. ✓ Noções, opiniões e visões da prática das actividades económicas.
	Perspectivas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Expectativas relativas a vida futura. ✓ Expectativas em relação as actividades económicas.
Trabalho Infantil	Significativa	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aprendizagem de um ofício. ✓ Actividade económica. ✓ Realização de actividade económica sujeita a rendimento económica ou não.

2.3.1. Modelo de análise

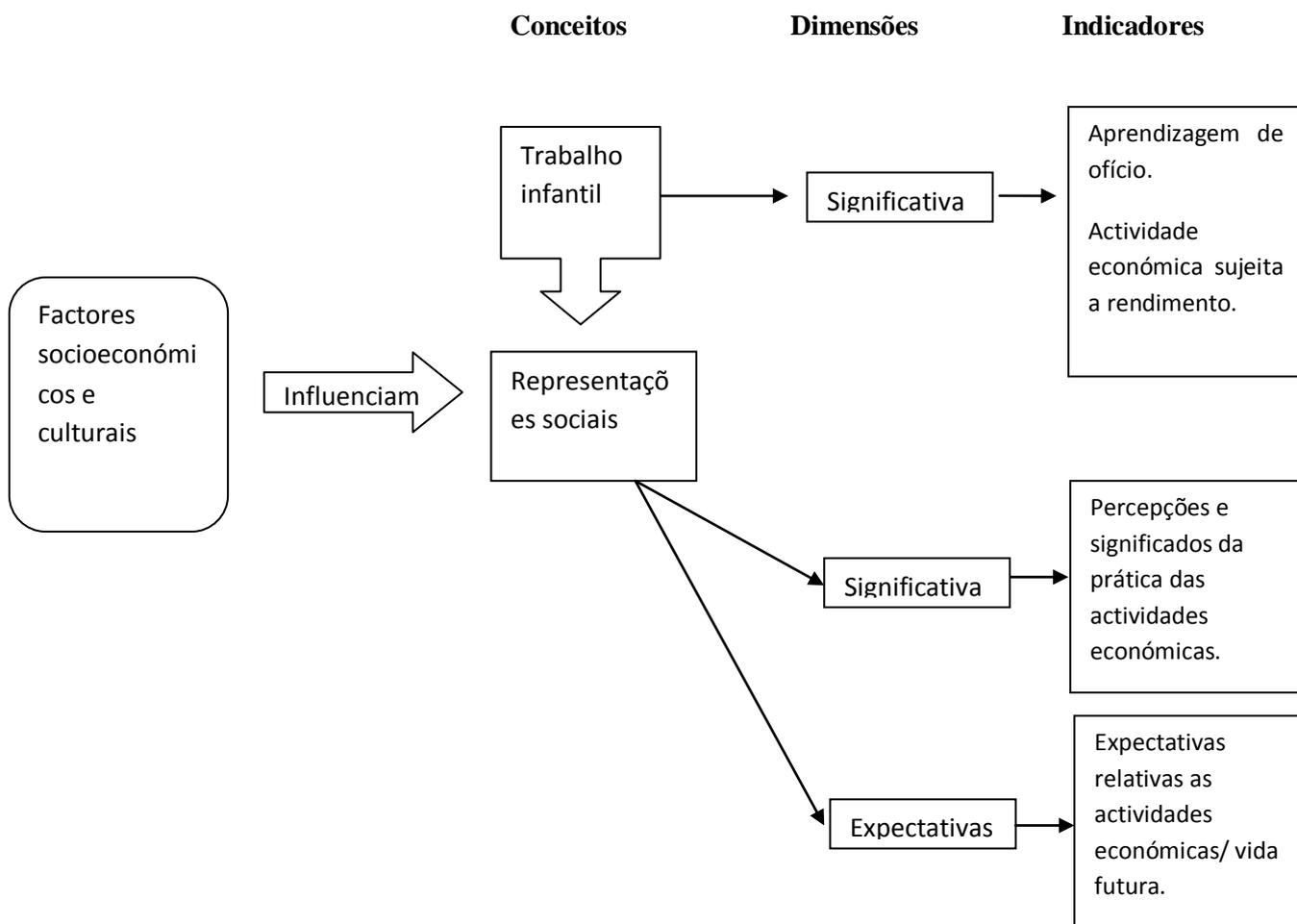


Figura 1: Representação do modelo de análise.

O modelo de análise acima é constituído por dois conceitos, representações sociais e trabalho infantil. Cada conceito possui dimensões e indicadores. As representações sociais são influenciadas pelos factores sócio-económicos e culturais. Assim, os factores sócio-económicos e culturais influenciam a construção das representações sociais das crianças trabalhadoras sobre as actividades económicas.

Capítulo - III

3. Metodologia

Este capítulo apresenta a metodologia usada na elaboração desta monografia. Aqui são apresentados os procedimentos e abordagens metodológicas seguidas bem como, as técnicas que foram usadas no processo de recolha de dados.

3.1. Local de estudo

A pesquisa foi realizada na cidade de Maputo e especificamente na baixa da cidade. A cidade de Maputo é caracterizada pela pobreza urbana, heterogeneidade nos níveis de bem-estar e alfabetismo (Machava, 2014). Devido a falta de emprego formal, grande parte da população desenvolve actividade informal nas principais ruas desta cidade.

A Baixa da cidade localiza-se na capital moçambicana e constitui uma das zonas movimentadas. Esta acolhe trabalhadores informais de ambos sexos, varias idades e provenientes dos diferentes bairros da cidade de Maputo. Neste local, encontram-se grandes estabelecimentos comerciais e várias oportunidades de trabalho informal.

A escolha da baixa da cidade de Maputo para a realização do estudo deveu-se ao facto de acreditar possibilitar um acesso fácil as crianças que realizavam variadas actividades económicas, de ambos sexos e diferentes idades para a nossa recolha de dados como forma de captar visões, percepções e significados das suas actividades económicas diárias naquele espaço e assim perceber como estas são construídas.

3.2. Método de procedimento

Este é um estudo qualitativo que procura descrever as visões, noções e interpretações das crianças sobre a sua actividade económica como forma de captar as significações das mesmas assim como, a forma como estas são produzidas. A metodologia qualitativa permitiu captar as percepções e práticas sociais (motivos, inspirações, crenças, valores e atitudes) e perceber em que medida as crianças envolvidas em actividades económicas captam e expressam esta realidade (Minayo, 2001).

Este método é apropriado para explorar a realidade social visto que permite o aprofundamento ou saturação da informação disponível sobre a realidade social (Gil, 2008).

Neste estudo o método permitiu captar o processo de construção das representações sociais das crianças sobre o trabalho infantil na cidade de Maputo.

3.3. Métodos de abordagem

A pesquisa usou o método hipotético-dedutivo (Demo, 2000). Este método permitiu a construção do objecto de estudo de forma a perceber como as crianças constroem os significados ou noções das actividades económicas que elas desenvolvem. Para a concepção do objecto do estudo, partimos de uma hipótese que orientou a recolha de dados e análise.

3.4. População e delimitação da amostra

O universo populacional consistiu em todas as crianças residentes na cidade de Maputo que se encontravam a realizar alguma actividade económica na esfera pública. Contudo, a amostra do estudo foi composta por crianças do sexo masculino e feminino, de idades compreendidas entre os 10 e 14 anos, residentes na cidade de Maputo e que estavam a realizar quaisquer tipos de actividade económica nas ruas da Baixa da cidade. Foram também entrevistados os pais e encarregados de educação das crianças de ambos os sexos, de forma a captar as características sociais e culturais como nível de educação, rendimento familiar e condições de vida.

Neste estudo, usamos a amostra por *conveniência ou por acessibilidade* (Gil, 2007). Este tipo de amostra nos permitiu definir os mecanismos para que cada elemento que constitui a amostra (crianças trabalhadoras) fosse seleccionado e entrevistado. A desvantagem deste tipo de amostra reside no facto de não permitir saber se todos os elementos da amostra são representativos da população (Oliveira, 2001). Neste estudo, a amostragem por conveniência não permitiu fazer nenhuma generalização sobre a realidade em estudo.

Para Gil (2007), este tipo de amostragem constitui a menos rigorosa de todos os outros tipos. A partir desta amostra o pesquisador selecciona os elementos que tem acesso admitindo que estes possam representar o universo. Assim, seleccionamos 30 crianças com idades entre os 10 aos 14 anos que desenvolviam actividades económicas das quais, 15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Igualmente, foram seleccionados 10 pais dos quais, 2 pais e 8 mães cujas crianças desempenham actividades económicas.

O tamanho da amostra foi determinado seguindo o critério de *saturação* (Thiry-Cherques, 2009). Este critério permitiu que das 30 crianças previamente seleccionadas para a recolha de dados pudéssemos perceber no campo, quando as observações já não eram mais necessárias

para o prosseguimento da recolha de dados, ou quando atingimos o nosso ponto de saturação de observações (entrevistas).

3.5. Processo de selecção da amostra

Foram seleccionadas crianças que desenvolviam actividades económicas na baixa da cidade. O acesso e selecção das crianças para a entrevista obedeceram o princípio de acessibilidade. Isto consistiu na entrevista de crianças que aceitaram partilhar a sua experiência e visão sobre as actividades económicas. Os pais das crianças também foram seleccionados por conveniência e acessibilidade. Para termos acesso aos pais usamos como ponto de partida às próprias crianças. Estas, forneceram-nos os dados dos pais e a disponibilidade destes. Este procedimento permitiu a selecção dos pais que estavam disponíveis para as entrevistas.

3.6. Técnicas de recolha de dados

A pesquisa baseou na entrevista semi-estruturada (Rizziniet al., 1999). Esta técnica possibilitou construir uma lista de perguntas antecipadas permitindo que chegado ao campo pudéssemos acrescentar a cada entrevista conduzida perguntas adicionais, tornando possível maior alcance dos objectivos da pesquisa e abandonar as que se mostraram irrelevantes de acordo com os comentários e respostas dos entrevistados. Permitiu também, captar ou recolher os depoimentos e opiniões das crianças sobre as actividades económicas por elas realizadas na cidade de Maputo. As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas mediante o contacto directo com os entrevistados no local da realização de suas actividades.

3.7. Procedimentos de recolha de dados

As entrevistas foram feitas individualmente nos locais de preferência dos entrevistados de modo a evitar o risco destes influenciarem-se uns aos outros nas respostas. Na recolha e tratamento da informação usamos um guião de entrevista semi-estruturada. As entrevistas foram gravadas e transcritas.

Foi usada a língua portuguesa para administração das entrevistas. Contudo, tendo em conta a facilidade de compreensão, produção e interpretação dos discursos de cada participante, usamos as línguas verniculares: Changana e o Macua.

Antes do início das entrevistas, explicamos aos entrevistados os objectivos do estudo e os respectivos benefícios (possibilidade de se expressarem). Tratando-se de uma pesquisa com

crianças optamos pela observância de alguns mecanismos legais e procedimentos éticos que nos orientaram na recolha de dados.

- O primeiro procedimento ético consistiu na apresentação de um credencial fornecido pela instituição que representamos (FLCS/UEM), que permitiu aproximar as crianças e seus pais e criar um ambiente de familiarização com eles.
- O segundo, pedimos autorização para os pais e, para prosseguir pedimos autorização para as próprias crianças de modo a saber se elas queriam ou não participar na pesquisa
- O último, obedecendo o princípio de consentimento informado, pautamos por expor os objectivos do estudo de modo explícito para os entrevistados antes do início das entrevistas.

3.8. Métodos de análise de Dados

Para a análise de dados, usamos da *análise temática* (Bardin, 2009 apud Guerra, 2014). Este método permitiu fazer uma análise e interpretação de dados recolhidos no campo a partir da teoria escolhida e do material bibliográfico. Com base nela, fizemos uma exploração do material bibliográfico, pré-análise e tratamento dos resultados a partir da teoria e a sua interpretação. Guerra (2014) afirma que esta técnica de análise tem como ponto de partida uma organização que consiste na pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados ou a inferência e a interpretação de dados.

3.9. Problemas encontrados durante a pesquisa e soluções

Durante as entrevistas deparamo-nos com vários constrangimentos. A maioria das crianças recusou a falar ou responder perguntas por querer ganhar o tempo e vender o máximo dos produtos possíveis. Desta forma, para solucionar o problema tivemos que propor para as crianças uma ajuda na realização de suas actividades. Enquanto fazíamos as entrevistas, ajudávamos a vender alguns produtos de modo a garantir que estas pudessem falar sem por em causa a sua actividade.

Também deparamos com a dificuldade de acessar facilmente os pais das crianças visto que, o nosso contacto com estes dependia da hora em que a criança estivesse disponível. Esta dificuldade condicionou de certo modo a recolha de dados para a pesquisa que pretendíamos desenvolver. Para ultrapassar este problema, seleccionámos as crianças que viviam nos bairros próximos e de fácil acessibilidade tais como, Hulene, Laulane, Ferroviário e

Xiquelene. Através da ajuda referida, criamos condições para que estas terminassem o seu expediente cedo.

O outro constrangimento foi a dificuldade de encontrar pais (sexo masculino), dispostos a participar nas entrevistas. Enquanto as mães mostravam-se totalmente dispostas a colaborar com as entrevistas, os pais por seu turno recusavam, delegando a tarefa de responder as questões as esposas. Este problema foi ultrapassado na medida que optamos por entrevistar pais de qualquer sexo, desde que aceitassem colaborar connosco.

Capítulo - IV

Apresentação, análise e discussão dos resultados da pesquisa

Este capítulo apresenta os resultados do trabalho empírico de campo assim como a sua análise e discussão.

4.1. Apresentação e análise dos resultados da pesquisa

4.1.1. Perfil social e características dos entrevistados

O estudo acessou 40 participantes dos quais, 30 crianças e 10 pais. As 30 crianças que participaram na pesquisa eram oriundas das diferentes partes da província e cidade de Maputo sendo que, 12 frequentavam a escola e os restantes 18 não estudavam e não tinham nenhum nível de educação. As crianças entrevistadas possuíam idades entre os 10 aos 14 anos e constituíram um número de 15 rapazes e 15 raparigas.

A tabela que se segue apresenta as características gerais dos principais interlocutores.

Tabela 2. Características sociais das crianças entrevistadas.

Características	Sexo	
	Masculino	Feminino
Idade		
10 – 12	7	7
13 – 14	8	8
Nível de educação	-	-
Nenhum	10	8
1 ^a – 5 ^a classe	4	5
6 ^a – 7 ^a classe	1	2
Total	15	15

4.1.2. Origem sócio - demográfica das crianças entrevistadas

A maior parte dos participantes provinham dos bairros de Hulene, Laulane, Ferroviário, Mavalane, Polana caniço e Maxaquene. Os outros viviam nos bairros do Aeroporto, Mahotas, Benfica e T.3.

Das 30 crianças entrevistadas, 20 viviam em agregados até 8 pessoas e 10 estavam em lares constituídos por 2 pessoas. Nestes agregados, parte das crianças viviam em famílias chefiadas por mães separadas e viúvas. Algumas crianças viviam com os dois progenitores (pai e mãe), outras com avós e tios, e ainda outras estavam em agregados chefiados somente por pais (masculino) viúvos.

Em termos de condições de habitação, constatamos que a maior parte vivia em casas de aluguer construídas de madeira e zinco e, os outros em casas próprias de alvenaria em condições precárias sem acesso diário a água potável, energia eléctrica e todas as refeições diárias.

4.1.3. Características sociais dos pais entrevistados

A pesquisa envolveu 10 pais e encarregados de educação das crianças. Destes, 2 são do sexo masculino e 8 do sexo feminino cujas faixas etárias situavam-se entre os 30 aos 37 anos de idade. Dos 10 pais entrevistados, metade de ambos os sexos não tinham nenhum nível de escolaridade. Na outra parte, 4 tinham o nível primário e 1 possuía o nível secundário básico. Destes, 5 eram separados, 3 eram casados e os restantes 2 eram viúvos.

No que concerne a sua ocupação, 7 pais (sexo masculino e feminino) desempenhavam actividade informal. Eles vendiam variados produtos tais como hortícolas, amendoim, bolachas doces e frutas a conta própria, um deles era sapateiro. Os outros 3 desempenhavam actividades formais como guarda de estabelecimento e empregados domésticos. Para os que trabalhavam por conta própria o rendimento mensal era de cerca de 2000 mts, enquanto dos que trabalhavam nas empresas era de cerca de 3000 à 3500 mts por mês.

Os pais e encarregados de educação viviam nos arredores da cidade de Maputo. No entanto, estes eram oriundos das diferentes províncias destacando-se Gaza, Inhambane e Nampula. 2 Eram da província de Nampula, 3 da província de Gaza, 1 da província de Inhambane e os outros 4 da província e cidade de Maputo. Destes, 8 viviam com até 3 crianças em seus agregados familiares e outra parte viviam com cerca de 4 ou mais crianças. Destes, 7 viviam

em casas de aluguer e os outros 3 em casas próprias com difícil acesso a água potável, energia eléctrica e refeições diárias.

4.1.4. Tipos de actividades desenvolvidas pelas crianças

As crianças entrevistadas desenvolviam diversas actividades económicas das quais, vendedores informais e carregadores de compras. Assim, das 30 crianças 29 desempenhavam a actividade económica de venda sendo que, 9 vendiam somente frutas, 20 vendiam variados tipos de produtos como amendoim, bolachas e bolinhos, temperos, cosméticos, água e fizz, e os outros ainda ajudavam no carregamento de sacolas de pessoas que se dirigiam as compras.

Os participantes desempenhavam a actividade de venda informal a conta de outrem. Um total de 17 crianças vendiam produtos à mando dos pais com a finalidade de ajudá-los e contribuir nas despesas familiares. Os restantes 13 vendiam produtos fornecidos pelos tios e avós com quem residiam. As actividades de venda rendiam para cada criança um valor que variava dos 600 à 1500 mts por mês consoante a cada tipo de produto vendido, e que era gerido pelos proprietários dos produtos. Pelo trabalho prestado, as crianças recebiam uma recompensa em forma de alimento, vestuário, acomodação e propinas para a escola.

4.2. Processo de inserção das crianças no mercado informal

O processo de inserção das crianças no mercado informal ocorre através da divisão de papéis sociais na família. Essa divisão consiste em cada membro da família participar na busca de mecanismos de sobrevivência. A inserção assenta-se também na relação que as crianças estabelecem com outros actores com os quais vivencia, constroem e partilham esta realidade social. A maioria das crianças na cidade de Maputo afirmou ter começado a actividade informal na baixa da cidade por influência de vizinhos e amigos que também exerciam esta actividade no mesmo espaço:

“Para eu começar a vender aqui, foram vizinhos lá do bairro onde eu morro que me mostraram. Eles também já vinham aqui vender. Então me disseram que aqui as pessoas compram muito, principalmente pessoas que saem dos chapas ou que estão a subir chapas e, que se eu viesse também ia vender muito. Então eu passei a vir!” (participante masculino, 14 anos, 7ª classe).

“ Eu comecei com 10 anos a vender aqui. No inicio vinha com a minha amiga que é minha vizinha e outros meninos porque eu tinha medo, então eu seguia eles todos os dias. Às vezes

eu conseguia vender às vezes não. Mas agora venho sozinha porque já estou habituada...” (participante feminino, 12 anos, 6ª classe).

Outras crianças iniciaram a actividade económica informal por influência dos pais e encarregados de educação que também eram vendedores, como mostramos seguintes depoimentos:

“ Eu comecei a fazer este trabalho porque meus pais também vendem...! eles compram no Xiquelene ou no Zimpeto para vender lá no bairro mas, lá as pessoas não compram muito por isso meus pais me pediram que quando voltasse da escola viesse aqui vender tangerinas para ajudar” (participante feminino, 10 anos, 5ª classe).

“ Ah...! no início vinha com minha mãe. Ela vendia roupa aqui na baixa porque tem muita saída. Para não ficar em casa sozinho, eu vinha ajudar a ela depois de sair da escola mas agora não estou a vender roupa e sim pipoca para poder comprar roupa, comida e coisas que minha mãe não pode conseguir comprar sozinha” (participante masculino, 12 anos, 5ª classe).

4.3. Percepção das crianças sobre o trabalho infantil

Alguns participantes vêem a actividade económica informal que desenvolvem como uma forma de ajudar os pais. Assim para estes, para além da sua actividade ser uma forma de retribuir o esforço dos pais, também constitui como uma fonte de rendimento que pode ajudar em diversas despesas do seu quotidiano:

“Vender amendoim aqui, eu acho que ajuda os meus pais sim, mas principalmente a mim mesma porque tem coisas que meu pai não consegue comprar mas que eu quero ter [...]. Por exemplo, quando vejo uma coisa bonita e meus pais não têm dinheiro para comprar naquela hora, eu compro com meu dinheiro. Também quando preciso de dinheiro de fichas na escola, eu compro com dinheiro daqui” (participante feminino, 14 anos, 7ª classe).

“Eu acho que este trabalho ajuda a mim e minha família. Mesmo agora consigo comprar algumas coisas para comer, roupa e outras coisas para ajudar meus avós, porque eles me ajudaram desde bebé até eu crescer. Agora é hora de eu lhes ajudar também [...]. O dinheiro não é muito mas se juntar chega para fazer alguma coisa” (participante feminino, 13 anos, 5ª classe).

Outras crianças tendem a perceber as actividades económicas informais como um mecanismo de aprendizagem de ofícios que poderão desempenhar no futuro, como mostram os seguintes depoimentos:

“ Esse trabalho é bom! Porque sei que quando eu crescer poderei abrir meu negócio. Quando estou aqui a vender aprendo como se faz esse trabalho, e isso para mim é uma coisa boa [...]. Eu acho que amanhã se eu não conseguir emprego, vou conseguir arranjar comida para os meus filhos ” (participante masculino, 14 anos, 7ª classe).

“ Vender é bom, porque eu acho que qualquer criança menina ou rapaz tem que aprender a fazer alguma coisa para amanhã quando crescer não sofrer..., ou não sofrer muito ” (participante feminino, 13 anos, 5ª classe).

A percepção das crianças acerca das suas actividades económicas se constitui em função do grupo de socialização³ (os pais e a família). A maioria dos participantes disse que os pais têm uma visão positiva sobre actividade que desenvolvem, e dizem concordar porque estes só querem o seu bem, confirme nos depoimentos:

“ Os meus pais dizem que o que faço é bom para mim...! mas oh...concordo porque eu sei que minha mãe quer o meu bem! Eles dizem que toda criança que esta a fazer algum trabalho esta crescer bem e amanhã quando eles não estiverem perto de mim, poderei cuidar de mim e de meu irmão pequeno ” (participante feminino, 13 anos, 5ª classe).

“ Eu acho que os meus pais acham que vender é uma coisa boa, porque eles sempre dizem que para se poder comer, comprar roupa e outras coisas é preciso vender para ter dinheiro. Todos dias dizem que é para eu não me preocupar porque se hoje eu estou a sofrer vendendo, amanhã vou ter coisas boas. Então se eles dizem que é bom, também acho...!” (participante masculino, 10 anos, sem frequência escolar).

Como podemos notar no primeiro e segundo depoimento, as crianças constroem as percepções em função das percepções dos pais. Para elas a actividade económica informal constitui uma forma de crescimento individual, e obrigação moral. Assim, as crianças consideram a sua actividade económica como um bom encaminhamento para o futuro e uma forma de retribuir o que os pais fizeram e tem feito para a sua sobrevivência.

3- Processo de aprendizagem e interiorização dos elementos sócio-culturais (Rocher, 1986).

4.4. Significados dados pelas crianças ao trabalho infantil.

As crianças atribuem vários significados as actividades económicas informais. A maioria das crianças consideram que as actividades económicas informais representam uma acção positiva na medida em que constituem em formas de crescimento, aprendizagem de ofícios, obrigação moral e responsabilidade social, como mostram os depoimentos:

“ Vender aqui quer dizer uma coisa boa, eu acho...! porque quando estou aqui evito muitas coisas como por exemplo podia estar a roubar, não sou marginal [...]. Quando quero dinheiro, eu vendo por isso meus pais têm muito orgulho de mim!” (participante masculino, 10 anos, sem frequência escolar).

“ Eu gosto de vender! Então para mim é uma coisa boa, porque tem muitas pessoas ou até mesmo crianças que quando querem dinheiro preferem ir roubar coisas dos outros. Eu estou feliz porque não estou a roubar coisa de ninguém e meus pais também ficam felizes comigo, por verem que eu aprendi o que eles me ensinaram e que também vou ensinar meus filhos.” (participante feminino, 14 anos, sem frequência escolar).

“ Vender? Para mim é bom! minha mãe sempre diz que quando crescer isto vai me ajudar assim como ajudou a eles [...]. Eu concordo porque quando eu vendo e compram bem os produtos, meus pais me dão parabéns e dizem que estou bem encaminhada e que se amanhã não conseguir trabalho poderei começar meu negócio para poder comprar comida e outras coisas, então para mim é bom” (participante feminino, 13 anos, 5ª classe).

Como podemos constatar, os significados das crianças assumem simultaneamente um carácter social, cultural e económico associado ao contexto e tipo de educação. Nota-se que no primeiro e no segundo depoimento as crianças consideram as suas actividades económicas como um sinónimo de honestidade na medida que tomam o trabalho como um mecanismo que lhes afasta de práticas desonestas e da criminalidade. No terceiro depoimento, o trabalho é visto como uma forma de crescimento e aprendizagem de ofícios. As crianças acreditam que a aprendizagem das actividades é um bom encaminhamento para a vida futura.

Outras crianças afirmaram que não gostavam da actividade que exerciam e que só estavam a desempenhar a mesma para arranjar dinheiro e ajudar a sua família, conforme ilustram os seguintes depoimentos:

“ Para mim vender é bom porque traz dinheiro e também ajudo minha família. Mas eu não gosto de vender! Só vendo porque minha família diz para eu vender, e que isto é bom! Eu

gosto mais de ir a escola, fazer outros trabalhos em casa e acho que todas as crianças deveriam ir a escola e não estar a vender! ” (participante feminino, 14 anos, sem frequência escolar).

“Só posso dizer que nenhuma criança gosta de estar a vender. Mesmo quando estamos em grupos, muitos como eu dizem que não gostam desse trabalho. Só estamos aqui para ajudar os nossos pais que dizem que trabalhar é bom e que é para nós ajudarmos! Mas eu acho que seria melhor que nós que não estamos a estudar, ficássemos em casa a trabalhar noutras coisas” (participante masculino, 13 anos, sem frequência escolar).

Dos depoimentos acima nota-se que tanto no primeiro assim como no segundo depoimento, apesar de as crianças não apreciarem o que fazem, as actividades económicas informais que exercem ganham um significado económico e de ajuda aos pais. A actividade permite arranjar dinheiro e ajudar os pais com as necessidades diárias da família.

4.5. Perspectivas das crianças envolvidas no trabalho infantil

As crianças possuem sonhos e expectativas em relação a sua vida futura. A maioria das crianças que frequentam a escola sonha em se formar no futuro em áreas profissionais como a docência, enfermagem e medicina. Estes participantes consideram que com estas profissões podem ajudar os outros e também melhorar a sua condição de vida e de seus pais, como mostram os depoimentos que se seguem:

“ Eu quero ser médico... esse trabalho não vai me impedir de ser médico! O que tenho que fazer é saber a que hora tenho que vender e que hora tenho que estudar! Se meus pais continuarem a me matricular, eu poderei conseguir ter dinheiro para as fichas e essas pequenas coisas [...] eu vou chegar até a universidade.” (participante masculino, 14 anos, 5ª classe).

“ Sempre sonhei em ser enfermeira desde pequena, porque acho que com este trabalho vou ajudar a salvar vidas. Mas também sei que primeiro tenho que estudar muito! Por isso eu penso em não deixar de estudar para me formar e melhorar a minha vida e da minha família” (participante feminino, 12 anos, 5ª classe).

“ Quero ser professor para ensinar as crianças a ler e escrever [...].Sempre quis ser isso porque acho um bom trabalho. Vou continuar a estudar para poder ser professor e ajudar minha mãe e minha avó” (participante feminino, 14 anos, 5ª classe).

Constatamos através destes depoimentos que apesar das dificuldades económicas enfrentadas pelas crianças no seu dia-a-dia, elas ainda olham para o futuro com uma visão positiva. Para estas crianças, as actividades económicas informais e a escola constituem os meios seguros para atingirem os seus sonhos uma vez que muitas delas sonham com profissões tais como médico, enfermeira e professor.

As crianças que não frequentavam a escola e não tinham nenhum nível de escolaridade, afirmaram ter tido antes expectativas positivas para o futuro mas que devidas as condições difíceis que enfrentavam não sabiam mais o que queriam e o que se esperava da sua vida no futuro, como mostram os depoimentos:

“ Não sei o que gostaria de ser no futuro! acho que é por nunca ter ido a escola, mas sei que trabalho para fazer não vai me faltar porque sei fazer meu negócio! ... ” (participante masculino, 14 anos, sem frequência escolar).

“ Eu sonhava em ser advogado, mas agora como parei de ir a escola por causa desse trabalho já não sei o que vou ser e nem o que quero ser. Se conseguir voltar a escola e estudar talvez seja advogado ou outra coisa...” (participante masculino, 14 anos, sem frequência escolar).

“ Eu não sei o que quero ser! terminei de ir a escola com 1ª classe por causa de cédula. Desde aí eu não penso nestas coisas de profissão nem o que quero ser [...]. O que eu for, é isso mesmo e paciência...” (participante masculino, 14 anos, sem frequência escolar).

Estes depoimentos revelam que as crianças que não frequentavam a escola possuíam maior dificuldade em perspectivar o futuro. Para maior parte destas crianças, os problemas económicos, educacionais e normativos como a falta de cédulas pessoais, dinheiro para as matrículas e tempo livre para estudar condicionavam os seus planos para o futuro.

4.6. Desafios da prática das actividades económicas das crianças

As crianças enfrentam diversos desafios durante a realização de suas actividades económicas. Algumas crianças que realizavam a actividade informal na baixa da cidade de Maputo disseram que os maiores problemas que enfrentavam naquele espaço eram a perturbação de

marginais, e longas caminhadas. Estes desafios eram solucionados pelas crianças com base em algumas estratégias práticas tais como a vigilância, o distanciamento de pessoas suspeitas e o descanso contínuo.

“ Aqui na baixa eu tenho tido problemas por causa de marginais. Às vezes alguém vem se fazer de comprar e depois começa pegar me e eu não gosto disso...! Quando eu digo para minha mãe, ela diz que quando eu ver pessoas suspeitas ou estranhas afastar e eu faço isso [...]. Mas nem sempre conseguimos ver quem é marginal e quem não é!” (participante feminino, 13 anos, 5ª classe).

“Meu problema é só andar! Porque ih...! Não é fácil andar em todo lugar a procura de pessoas para comprarem [...]. Às vezes correr atrás dos chapas para ver se compram alguma coisa. Então é muito difícil. Quando eu reclamo para meus tios, eles dizem que quando eu cansar procurar um lugar para ficar e descansar um pouco enquanto como alguma coisa” (participante feminino, 11 anos 5ª classe).

4.7. Percepções, significados e perspectivas do trabalho infantil entre os pais

A maioria dos pais via as actividades económicas que os seus filhos desempenhavam de um modo positivo, e como uma actividade “boa” para o desenvolvimento sócio-cultural da criança. Para eles as actividades económicas das crianças significavam ajuda aos pais, fonte de rendimento, forma de crescimento, responsabilidade social e sobretudo um instrumento de aprendizagem, como demonstram os seguintes depoimentos dos pais:

“ Não vejo problema no trabalho que meu filho faz. Considero uma coisa boa, porque às vezes querem isso, aquilo e não costumam ter sempre dinheiro para fazer tudo que ele quer por isso, digo para ele ajudar quando ele não tiver nada para fazer [...]. Costumo dizer para ele, se quer dinheiro é só levar estas coisas e vender! Eu sei que não devemos ocupar nossos filhos com estes trabalhos mas também sei que ele vai crescer a saber que para ter dinheiro tem que soar, trabalhar. Muitas crianças que têm tudo que querem sem se esforçar viram marginais...!” (Mãe, vendedora, 30 anos).

“ Para mim ver meu filho a vender quer dizer que já trabalhei! Nós pais homem ou mulher lutamos muito para nossos filhos não virarem marginais, andar aí se vender ou fazer trabalhos desonestos! quando vejo meu filho a querer dinheiro e ir vender sem problemas eu digo obrigado, meus filhos já cresceram e trabalham para ajudar. ” (Pai, sapateiro, 37 anos).

“ Não tenho problema em mandar meus filhos irem vender porque com a vida que vivemos hoje, e com o trabalho que é difícil..., é preciso ensinar os trabalhos as crianças para não sofrerem, não pedirem esmolas se eu não estiver mais aqui! eles vão vender para se sustentar e isso para mim é um orgulho...!” (Mãe, vendedora, 35 anos).

Como podemos notar no primeiro, segundo e terceiro depoimento os pais consideram a actividades económicas das crianças positiva. Assim, para os primeiros dois depoimentos, a actividade económica das crianças significa simultaneamente uma forma de crescimento e responsabilidade social uma vez que considera-se que uma criança que trabalha torna-se um adulto responsável e honesto. Para o último depoimento, a actividade económica das crianças aparece como um mecanismo de aprendizagem de ofícios visto que tomam a actividade das crianças como uma capacitação individual destas para a vida no futuro.

Os pais possuem expectativas promissoras do futuro dos filhos. Eles afirmaram que mesmo diante das dificuldades e desafios enfrentados no dia-a-dia, nunca deixaram de querer que as crianças estudassem e se formassem na universidade.

“ Qualquer desejo de pai ou mãe quando seus filhos são pequenos é que eles estudem e se formem. As dificuldades é que tem atrapalhado, mas nós lutamos todos os dias para ver nossos filhos doutores! Vender ou não mas sempre a estudar porque esse é o ponto seguro deles e também o nosso ponto seguro...” (Mãe, vendedora, 30 anos).

“ Ele deve estudar sim! porque o grande caminho para ultrapassar estes problemas todos que temos enfrentado é a escola. Pode mandar ou ensinar a criança a trabalhar ou vender mas..., sempre devemos apoiar como pais as crianças para estudarem, entrar na universidade e realizarem seus sonhos. Eu acho que é possível fazer as duas coisas sem uma atrapalhar a outra.” (Mãe, vendedora, 30 anos).

4.8. Discussão dos resultados da pesquisa

Estudos mostram que a inserção e permanência das crianças nas actividades económicas, não se constituem como um processo isolado. De acordo com Laginski (2001); Barros e Gulamo (1999) e UNICEF (2014), esse processo dá-se principalmente em função das influências sócio-culturais e económicas dos diferentes contextos sociais que determinam a divisão social do trabalho entre os membros da família. Apesar da forte influência que os factores económicos e sócio-culturais (como a socialização e as condições de sobrevivência dos indivíduos) exercem sobre a inserção das crianças nas actividades económicas, na cidade de Maputo esta assenta-se também nas relações que oportunizam o trabalho das crianças ou seja, na relação que as crianças estabelecem com outros actores sociais (pais, amigos e vizinhos) com os quais vivenciam, constroem e partilham esta realidade social tal como defendem Pereira et al. (2010).

Algumas crianças referem ter iniciado o exercício das actividades económicas (informais) por influência de vizinhos, amigos e sobretudo pais que também exerceram ou exercem a mesma actividade naquele local. Assim, apoiados das ideias de Gomes e da Silva (2011) e Laginski (2001) podemos afirmar que a socialização das crianças (educação, valores) assim como, as condições de sobrevivências influenciam a inserção e permanência das crianças no mercado de trabalho infantil na cidade de Maputo.

O processo de percepção e significação das actividades económicas das crianças não são dissociados um do outro e é feita de diversas formas. Para Marchi (2013), as crianças percebem e significam as actividades económicas que exercem principalmente como uma forma de ajudar os pais. Esta posição é também fundamentada por González (2012), quando afirma que nas famílias pobres as crianças são envolvidas nas actividades económicas para aumentar a renda familiar e deste modo ajudar os pais com as despesas familiares.

Entretanto, na cidade de Maputo as percepções e significados das crianças sobre actividades económicas assumem simultaneamente um carácter social, cultural e económico. As crianças para além de perceberem e significarem as suas actividades económicas como uma forma de ajuda aos pais, também a percebem e significam como obrigação moral, fonte de rendimento, forma de crescimento e aprendizagem de ofícios. Assim, para as crianças a actividade económica é sinónimo de honestidade como afirmaram Cruz e Soares (2011), na medida que vêem o trabalho como algo que as dignifica e um mecanismo que lhes afasta de práticas desonestas, como a criminalidade e a prostituição.

A mesma actividade económica aparece como uma forma de crescimento e aprendizagem de ofícios visto que acreditam que a aprendizagem das actividades, é um bom encaminhamento para a vida futura, como constatado pela FDC apud UNICEF (2014). Algumas crianças percebem a actividade económica que exercem como algo positivo porque serve como fonte de rendimento para ajudar os pais e ao mesmo tempo aprendem o ofício da actividade económica. Barros e Gulamo (1999), também constataram o mesmo resultado quando afirmaram que em Moçambique as actividades económicas das crianças são vistas como instrumento de aprendizagem de papéis a serem desempenhados no futuro.

Deste modo, a percepção e os significados das crianças acerca das suas actividades económicas na cidade de Maputo se constituem num primeiro plano em função da influência do grupo de socialização (os pais e a família). Considerando as análises de Silva (2010), Stadnick (2010) e Gomes e da Silva (2011) que concebem a família como o primeiro grupo socializador onde a criança aprende a visão sobre aos diferentes fenómenos da realidade social, pode-se constatar que os pais exercem alguma influência na percepção e significação das crianças acerca da actividade económica informal.

A construção desta prática social se constitui também em função das necessidades básicas de sobrevivências da família como afirma Dias (2010); Kassouf (2005); Xavier (2010) e Cruz e Soares (2011). Os resultados desta pesquisa mostram que para algumas crianças as actividades económicas que exercem constituem uma fonte de rendimento para suprir despesas como roupas, alimentos e material escolar.

Moscovici (1961), defende que as percepções, interpretações e significados dos actores sociais são construídos e compartilhados com base em senso comum acessível a todos os indivíduos que vivenciam a mesma realidade e em função dos valores e normas que regem determinados contextos sociais. Assim, constatamos que de certo modo os valores morais e educacionais na qual a percepção e significados dos pais sobre a prática das actividades económicas se assenta, influencia a visão das crianças sobre esta prática social (actividades económicas). Deste modo, as crianças constroem as suas percepções e significados em função dos significados e valor que os pais atribuem as actividades económicas. Assim, constatamos que os pais e as crianças possuem as mesmas percepções e significados sobre as actividades económicas. Os resultados mostram que alguns pais e encarregados de educação têm consciência da influência exercida nas actividades económicas dos filhos como também de que estas não são apropriadas para as crianças. Mas, confirmam que para estas não virarem

marginais ou pessoas desonestas precisam aprender desde cedo a ganhar dinheiro com o seu próprio esforço, como demonstraram Gomes e da Silva (2011).

Apesar da influência dos pais na construção das percepções e significados sobre as actividades económicas, as crianças têm capacidade e competência de produzir significados e compartilhar com os outros. Moscovici (1961), refere que nos *universos consensuais* da vida quotidiana os actores sociais no contexto de interacção tem a mesma competência de elaborar e compartilhar significados das experiências práticas vivenciadas. Resultados mostraram que algumas crianças não gostavam de exercer a actividade e preferiam estar em casa como outras crianças.

Na perspectiva de Moscovici (1961), as percepções e significados dos actores sociais se constituem principalmente na esfera consensual. Em análise, podemos constatar que os significados dados pelas crianças na cidade de Maputo se constituem principalmente na esfera consensual e em resultado do senso comum⁴ que não obedece os rigores lógicos – metodológicos de produção do conhecimento ou seja, das experiências práticas da vida quotidiana e com as actividades económicas que são compartilhadas entre pais e filhos tendo a justificação nas necessidades de subsistência, assim como nos valores educacionais ou de aprendizagem sócio - cultural que são transmitidos de geração em geração entre estes actores sociais.

O processo de significação das actividades económicas das crianças dá-se em parte, em função dos significados dados pelos adultos. Assim, cada criança percebe e descreve os significados das actividades económicas que exerce com a mesma visão dos pais. Os significados das crianças são resultados do saber prático e das experiências práticas do seu envolvimento nas actividades económicas e do meio social onde vivem.

Toda a criança apresenta um certo tipo de expectativas para o futuro. A diferença entre elas reside no nível de escolaridade e de dificuldades que cada uma enfrenta no dia-a-dia. Enquanto para as que frequentam a escola as actividades económicas e a escola constituem os meios para o alcance de seus sonhos e formação profissional, as que não frequentavam apresentavam maior dificuldade em perspectivar o futuro. Os pais afirmaram que mesmo diante das dificuldades e desafios enfrentados no dia-a-dia, gostariam que as suas crianças

4- Produto de ajustamento entre as situações e os hábitos que os indivíduos recebem ao longo do tempo (Bourdieu, 1968).

estudassem e se formassem na universidade. Eles apoiam as crianças a ir à escola mas aconselham as mesmas a conciliar a actividade económica e a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesta pesquisa, estudamos dentro da perspectiva sociológica o fenómeno do trabalho infantil e especificamente as representações sociais das crianças sobre esta realidade prática na cidade de Maputo (baixa da cidade). O estudo pretendia captar as noções, percepções e significados das crianças sobre as suas actividades económicas.

A pesquisa foi basicamente qualitativa, onde combinamos a técnica de revisão bibliográfica, o trabalho empírico de campo e a análise temática do material empírico. Para a interpretação de dados usamos a teoria de representações sociais. A teoria e os conceitos foram articulados com os resultados das constatações empíricas que levaram a concluir que a hipótese do trabalho foi confirmada.

Os resultados da pesquisa mostraram que o processo de construção de significados das crianças sobre as suas actividades económicas é feito de duas formas. Por um lado, em função das necessidades básicas de subsistência das crianças e de suas famílias e acesso a educação e por outro, em função das atitudes e valores educativos dos pais.

As crianças constroem significados da actividade económica que exercem em função dos significados que os pais atribuem a essas actividades, e do meio social onde vivem. Constatamos que as atitudes positivas dos pais perante as actividades económicas das crianças, influenciam a construção dos significados que as crianças atribuem as suas actividades económicas.

Assim, os significados construídos pelas crianças sobre o trabalho infantil na cidade de Maputo, são resultados do senso comum e das experiências práticas com as actividades económicas que exercem e do relacionamento que tem com outros actores sociais com os quais vivenciam a realidade do trabalho infantil. Constatamos também, que as crianças têm expectativas de estudar e exercer uma outra profissão. Porém, estas expectativas são influenciadas pelo nível de escolaridade e das dificuldades enfrentadas no dia-a-dia. As crianças que estão na escola têm mais facilidade de perspectivar positivamente o seu futuro que as crianças que não frequentam a escola, e que não têm nenhum nível de educação.

Este estudo demonstrou que o trabalho infantil é uma prática acima de tudo socialmente construída, assente nas relações de poder e é estruturada por um conjunto de factores e valores. O trabalho infantil produz discursos diferentes que são relacionados com a estrutura

social e com os valores dominantes da sociedade e se assentam nas diferenciações socialmente construídas entre pais e filhos ou adultos e crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, João Gabriel de, & GULAMO, Taju (1999). “Prostituição, abuso sexual e trabalho infantil em Moçambique”: *o caso específico da província de Maputo, Tete e Nampula*, Terre dos Hommes, Maputo.

BIZA, Adriano et al. (2008). “Violência contra menores em Moçambique”- *uma revisão da literatura*, FDC, Maputo.

BOUDON, Raymond et al. (1990). *Dicionário de sociologia*, publicações Dom Quixote, Lisboa.

CASTRO, Paula (2002). *Notas para uma leitura da teoria das representações sociais*. In: S. Moscovici. *Análise Social*, vol. XXXVII (164), 949-979. Disponível em <http://www.análise-social.ics.ul.pt/documentos>.

CIPOLA, Ari (2001). *O trabalho infantil*, Editora publifolha, São Paulo.

COLONNA, Elena (2009). “O lugar das crianças nos estudos africanos”: *reflexões a partir de uma investigação com crianças em Moçambique*, Poiésis-tubarão, Maputo.

CRUZ, Ricardo Santos de Deus & SOARES, Maria Zilda Silva (2011). “Trabalho infantil e suas representações sociais”: *um estudo elaborado com crianças e adolescentes na cidade de teresina-PI*, Revista FSA, Teresina.

DA SILVA, Claudemir Cândido (2010). *A Exploração de mão-de-obra infantil e do menor de 16 anos e a legislação do Brasil*, Brasil - Paraíba.

DA SILVA, Rosa Amélia (2010). “O trabalho escravo infantil no Brasil”: *uma revisão da literatura*, João Pessoa-PB, Brasil.

DELGADO, Ana Cristina Coll & MULLER, Fernanda (2005). “Sociologia da infância”: *pesquisas com crianças*, Campinas.

.DIAS, Amanda Bendin (2007). “O Trabalho da criança e do adolescente no Brasil”: *análise dos aspectos jurídicos da sua permanência na mídia televisiva*, Brasil.

DURKHEIM, Émile (1978). *Sociologia, pragmatismo e filosofia*, Porto: Rés editora Lda, Portugal.

DURKHEIM, Émile (1984). *Sociologia, educação e moral*. Tradução: Santos, Evaristo, Portugal.

DURKHEIM, Émile (2007). *As regras do método sociológico*, 3ª edição, Martins-Fontes, São Paulo.

FRANCISCO, Albino & SALE, Ácia Marisa (2013). “Agenda de desenvolvimento pós 2015-relatório do país”: *percepções e vozes de grupos e organizações moçambicanas*, FDC, Moçambique.

FDC (2009). “Opções de intervenção no contexto da pobreza urbana em Moçambique”: *Estudo de caso dos municípios de Maputo e Chimoio, Maputo-Moçambique*.

GERHARDT, Tatiana Engel & SILVEIRA, Deníse Tolfo (2009). *Métodos de pesquisa*, UFRGS- Editora, Rio Grande do Sul.

GIL, António Carlos (2007). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, 5ª edição, Atlas, São Paulo.

GIL, António Carlos (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*, 6ª edição, Atlas, São Paulo.

GOMES, Ana Carolina & DA SILVA, Sílvia Bezerra (2011). “Infância subtraída”: *uma reflexão sobre o trabalho infantil na cidade de Manaus*, UNINORTE. Manaus-Itália.

GONZÁLES, de la Rocha Mercedes (2012). “Pobreza, Dinâmica familiar e Oportunidades”: *uma perspectiva evolutiva*, Ciesas, México.

GUAMBE, A. J. (2011). “Metodologia de pesquisa”: *manual de pesquisa de estudante*, Instituto Superior de Relações Internacionais, Maputo.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis (2014). *Manual de pesquisa qualitativa*, editora anima educação, Belo Horizonte.

GUERRA, Isabel Carvalho (2006). “Pesquisa Qualitativa e análise de conteúdo”: *sentidos e formas de uso*, 1ª edição, Principia, Portugal.

INSTITUTO, NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2010). *Dados de pesquisa sobre força de trabalho*, 2004/2005, Maputo.

JODELET, D. Folieet (1989). *Representations Sociales*. Paris: PUF GUERRA, Isabel Carvalho (2006). “Pesquisa Qualitativa e análise de conteúdo”: *sentidos e formas de uso*, 1ª edição, Principia, Portugal.

JODELET, D. (2002). *Representações sociais, um domínio, uma expansão*. In: JODELET, D. (org.). *As representações sociais*, Educação, Rio de Janeiro.

KASSOUF, Ana Lúcia (2005). “Trabalho infantil”: *causas e consequências*, Brasília.

LAGINSKI, Valdirene (2001). *Exploração de Mão - de - obra infantil no Brasil*, São Paulo.

LEI DO TRABALHO 23/2007 de 1 de Agosto: Boletim da República 31 - I série, Assembleia da República, Moçambique.

MACHAVA, Sebastião (2014). “Comércio informal”: *cidade de Maputo continua a ser terra prometida para muitos moçambicanos*, Jornal Debate, Maputo.

MARCHI, Rita de Cássia (2013). O trabalho infantil na visão das crianças trabalhadoras In: “Trabalho infantil”: *Representações Sociais da sua Instituição em Blumeau S /C-Curitiba*, Editora UFPR, Brasil.

MINAYO, M. C. S. (2001). “Pesquisa Social”: *teoria, método, e criatividade*, 19ª Edição, Petrópolis: Vozes, S/L.

MOSCOVICI, Serge (1961). *A Representação Social da Psicanálise*, Jorge Zahar Editores, Rio de Janeiro.

MOSCOVICI, Serge (1961).”A Representação Social da Psicanálise” In: Arruda, Ângela. *Teorias de representação social e Teorias de género*, cadernos de pesquisas nº 117, Rio de Janeiro, 2002.

MOSCOVICI, S. & MARKOVA, I (1998). *Presenting Social Representations: a conversation*. *Cultura & Sociedade*, v. 4, n. 3, p.371-410.

NHAMPOCA, Joaquim Muchanessa D. (2011). “O papel dos pais na educação sexual da rapariga”: *Uma análise em face das relações sociais de género*, Revista pedagógica, UNOCHAPECO, Maputo.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de (2001). “Amostragem não probabilística”: *adequação de situação para o uso e limitação da amostra por Conveniência, Julgamento e por Quotas*, FEAUSP, S/L.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (2012). Estudos sobre a aplicação das convenções n.º 138 e 182 da OIT, suas recomendações na legislação nacional dos países da CPLP- *Programa internacional para a eliminação do trabalho infantil (IPEC)*, Moçambique.

PASTORE, Marina Di Napoli (2014). “Trabalho infantil ou trabalho das crianças”: *discursos e práticas*, UESCAR – Casa das Áfricas, Moçambique.

PEREIRA, Maria de Fátima et al. (2010). *As vivências e representações sobre o trabalho infantil*, Caderno de Psicologia Social, UFP/UFB, São Paulo.

QUIVY, Raimund & CAMPAHOUDT (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*, Editora Gradiva, Lisboa.

RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO-RDH (2014). “Sustentar o progresso humano”: *reduzir as vulnerabilidades e reforçar a resiliência*, Camões instituto de cooperação e línguas, Portugal.

RIZZINI, Irmá et al (1999). *Pesquisando: guia de metodologia para programas sociais*, editora universitária santa Úrsula, Rio de Janeiro.

SÁ, Celso Pereira (1998). *A construção do objecto de pesquisa em representações sociais*, EDUERJ, Rio de Janeiro

SARMENTO, Manuel Jacinto & PINTO, Manuel (1997). “As crianças e a infância”: *definindo conceitos e delimitando campo*, Braga.

SARMENTO, Manuel Jacinto (2002). “A infância e o trabalho”: *a (re) construção social dos ofícios das crianças*, fórum sociológico, IEDS/UNL, Lisboa.

SILVA, Andressa Hennig & FOSSA, Maria Ivete-trevison (2013). “Análise de conteúdo”: *exemplo da aplicação da técnica, para a análise de dados qualitativos*, ENEPQ, Brasília.

STADNICK, Tatiana (2010). *Elas só querem brincar*, ITAJAI, Brasil.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto (2009). “Saturação em pesquisa qualitativa”: *Estimativa Empírica do Dimensionamento*, Revista PMKT, S/L.

TRIVINOS, A. N. S. (1987). ”Introdução à pesquisa em ciências sociais”: *pesquisa qualitativa em Educação*, Atlas, São Paulo.

UNICEF (2000). *Child labour rratial assesmente mozambique/ 1999/2000*. UNICEF, Ministério do trabalho, Maputo, Mozambique.

UNICEF (2011). “Pobreza infantil e disparidade em Moçambique”: *situação da criança em Moçambique*, Maputo.

UNICEF (2014). *Análise da situação das crianças em Moçambique*, Maputo.

XAVIER, Karina Gai (2010). *Impactos sócio-económicos do trabalho infantil e da educação na primeira infância no Brasil*, FAAP, São Paulo.

Anexos



Universidade Eduardo Mondlane

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Título:Representações sociais das crianças sobre o trabalho infantil na cidade de Maputo

Instituição:Departamento de Sociologia, UEM, República de Moçambique

Investigadora: Verónica da Conceição

Telefone: +258 846244254

Guião de entrevistas direccionado às Crianças

Secção I. Características sócio - demográficas das crianças.

1. Sexo
2. Idade
3. Bairro
4. Onde nasceu?
5. Com quantas pessoas vive? Quais?
6. Estuda? /Alguma vez foi a escola? Se não porque?
7. Em que classe deixou de ir a escola?
8. Porque deixou de estudar?
9. Em que tipo de casa vive?
10. Na tua casa tem água da torneira e energia?
11. Costumas ter todas as refeições diárias? / Matabichas, almoças e jantas?

Secção II. Percepção das crianças sobre trabalho infantil (obj. 1).

1. O que fazes neste local?
2. Porque que escolheu este local para vender?
3. Quem foi que te mostrou este local?
4. Quando é que começou a exercer esta actividade?
5. Como conseguiu dinheiro para iniciar a actividade?
6. A quem pertence estes produtos / banca?
7. Quanto consegue ganhar / ter por mês, com a realização desta actividade?
8. Quem gere o seu dinheiro?
9. Qual é sua opinião sobre, a actividade que esta a fazer?
10. O que acham seus pais sobre o que você faz?
11. O que gostaria de fazer se não estivesse a vender aqui? Porque?
12. Quais são os problemas que enfrentas aqui?
13. Quem te ajuda para resolver esses problemas?

Secção III. Significados sobre trabalho infantil dados pelas crianças (obj. 2).

1. O que quer dizer para ti, vender aqui na rua?
2. O que fazes com o que ganhas? / O que consegues comprar com o que ganhas?
3. Como é que seus pais olham para esta actividade? Concordas?
4. Achas que o que fazes, ajuda a prender alguma coisa que queres fazer no futuro? Porque?

Secção IV. Perspectivas das crianças envolvidas no trabalho infantil (obj. 3).

1. O que gostaria de fazer quando fores grande?
2. É isso que querias ser quando eras pequenos? Se não porque mudou?
3. Gostaria de algum dia voltar a estudar? Se sim, até que classe? Porque?
4. Como acha que vai conseguir fazer isso? / Quem vai te ajudar?

Entrevistas direccionadas aos pais

Secção V. Identificação dos pais.

1. Sexo
2. Nível de educação (escolaridade)
3. Número de crianças na família
4. A família tem acesso a água da FIPAG e energia em casa?
5. Tem tido todas as refeições diárias?
6. Qual é o nível de educação do seu/sua esposa (o)?
7. Onde trabalha? / O que faz?
8. Quanto consegue ganhar por mês?
9. Porque faz essa actividade?
10. Desde quando faz essa actividade?
11. Quanto consegue ganhar com esta actividade?
12. O que acha sobre as crianças que vendem?
13. Qual é a sua opinião em relação ao que seu filho (a) faz?
14. Quanto é que seu filho ganha?
15. É sua vontade seu / sua filho (a) vender aqui? Porque?
16. O que fazem com o dinheiro?
17. Quem gere o dinheiro que seu filho ganha?
18. O que quer dizer para si, ver o seu filho a vender?
19. Acha que seus filhos aprendem algo com essas actividades? Porque?
20. O que gostaria que seu filho fosse? Porque?

21. Como acha que ele deve conseguir isso?
22. Era esse seu desejo para ele quando era pequeno?
23. Gostaria que seu filho estudasse? Porque?
24. Até que classe acha que ele deve estudar? Porque?
25. Qual é a mensagem que gostaria de deixar para outros pais?

Muito obrigado pela disponibilidade e paciência

Tabela 3. Identificação social das crianças entrevistadas

INQ.	Idade	Sexo	Actividade	Mora com	Ocupação pai / mãe
1	12	Feminino	Vend. De Frutas	Pai e Mãe	Vendedores
2	12	Feminino	Vend. Rebuçados	Mãe	Doméstica
3	14	Feminino	Vend. De frutas	Mãe e Pai	Vendedores
4	11	Feminino	Vend. De frutas	Pai	Sapateiro
5	14	Feminino	Vend. Tangerinas	Tios	Auxil. Domestica
6	14	Masculino	Vend. De bolinhos	Pai	Guarda
7	11	Feminino	Vend. De frutas	Avós	Vendedores
8	14	Masculino	Vend.Chouriços	Mãe e Pai	Domésticos
9	13	Feminino	Vend. DeFizz	Mãe	Vendedora
10	12	Masculino	Vend. De plásticos	Pai	Doméstico
11	11	Masculino	Vend. De Fizz	Mãe	Doméstica
12	13	Masculino	Carrega compras	Mãe	Doméstica
13	12	Feminino	Vend. De água	Mãe	Auxil. Doméstica
14	14	Feminino	Vend. DeFizz	Mãe	Auxil. Doméstica
15	10	Masculino	Vend.de tangerina	Mãe	Vendedora
16	10	Masculino	Vend.de temperos	Avós	Vendedores
17	14	Masculino	Vend.de bolinhos	Tia	Vendedora
18	10	Feminino	Vend. De laranjas	Mãe	Vendedora
18	13	Feminino	Vend. Amendoim	Mãe e Pai	Vendedores
20	12	Feminino	Vend. Amendoim	Mãe e pai	Domésticos
21	13	Feminino	Vend. De laranjas	Avós	Domésticos
22	13	Masculino	Vend. De pipoca	Tia	Auxil. Domestica
23	14	Feminino	Vend. Mandioca	Mãe	Vendedora
24	12	Masculino	Vend. De pipocas	Mãe	Vendedora
25	14	Masculino	Vend. De bolachas	Tios	Auxil. de
26	12	Masculino	Vend. De Água	Avós	limpeza
27	13	Feminino	Vend. Frutas	Mãe	Vendedores
28	11	Masculino	Vend. Cosméticos	Mãe e Pai	Vendedora
29	13	Masculino	Vend. Temperos	Mãe	Vendedores
30	14	Masculino	Vend. De Água	Avós	Doméstica

					Domésticos
--	--	--	--	--	------------

Tabela 4. Identificação social dos pais entrevistados

INQ.	Sexo	Idade	Nº de crianças (filhos)	Nível de Educa.	Tipo de activid. (ocupação)
1	Feminino	30 anos	3	4ª Classe	Vend. De pão
2	Feminino	35 anos	3	9ª Classe	Vend. De hortícolas
3	Feminino	32 anos	2	Sem escolaridade	Vende. De refrescos
4	Masculino	37 anos	1	Sem escolaridade	Guarda de estabelecimento
5	Feminino	32 anos	2	3ª Classe	Vend. De Bolos
6	Feminino	37 anos	4	Sem escolaridade	Vend. De bolachas e, doces
7	Masculino	37 anos	2	Sem escolaridade	Sapateiro
8	Feminino	31 anos	3	5ª Classe	Vend. De Amendoim
9	Feminino	30 anos	1	3ª Classe	Empregada doméstica
10	Feminino	30 anos	4	Sem escolaridade	Vend. De Frutas